

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E INCLUSIVA

SILVA, Beatriz Aparecida da
SILVA, Bruna Eduarda Casasola da
WALLAU, Vanessa Luiza de

RESUMO: O presente estudo, de caráter exploratório e descritivo, analisa a contribuição da literatura afro-brasileira para o desenvolvimento identitário de crianças negras nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e para o combate ao racismo no ambiente escolar, conforme determina a Lei N° 10.639/03. Partindo do reconhecimento do racismo estrutural e da histórica invisibilidade da população negra na sociedade e na literatura brasileira, esta pesquisa qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, investiga o potencial da obra *O Mundo no Black Power de Tayo*, de Kiusam de Oliveira, como ferramenta pedagógica. A fundamentação teórica aborda o desenvolvimento identitário de crianças negras, o conceito de letramento racial - definido como a competência para analisar e responder a estruturas raciais, e a educação antirracista, destacando a escola como um espaço crucial de ressignificação e valorização da herança cultural. Argumenta-se que a literatura afro-brasileira atua como prática pedagógica essencial, promovendo o protagonismo negro e rompendo com estereótipos eurocêtricos. A análise inicial da obra evidencia sua eficácia como um instrumento de fortalecimento da autoestima e da identidade racial positiva, utilizando a beleza e a ancestralidade do cabelo Black Power para celebrar a negritude. Busca-se construir recursos para subsidiar educadores na escola de materiais que garantam o cumprimento da legislação e fomentem um ambiente educacional mais justo, inclusivo e consciente da diversidade étnico racial brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Afro- Brasileira, Letramento Racial, Identidade Negra, Lei 10.639/03, Educação Antirracista.

THE IMPORTANCE OF AFRO-BRAZILIAN LITERATURE IN ELEMENTARY EDUCATION: PATHS TOWARDS AN ANTI-RACIST AND INCLUSIVE EDUCATION

ABSTRACT: The present study, of an exploratory and descriptive nature, analyzes the contribution of Afro-Brazilian literature to the identity development of Black children in the initial years of elementary school and to the fight against racism in the school environment, in line with Law No. 10.639/03. Starting from the recognition of structural racism and the historical invisibility of the Black population in Brazilian society and literature, this qualitative research, based on a bibliographic review, investigates the potential of the work *O Mundo no Black Power de Tayo* (The World in Tayo's Black Power) by Kiusam de Oliveira as a pedagogical tool. The theoretical framework addresses the identity development of Black children, the concept of racial literacy – defined as the competence to analyze and respond to racial structures – and anti-racist education, highlighting the school as a crucial space for re-signification and appreciation of cultural heritage. It is argued that Afro-Brazilian literature acts as an essential pedagogical practice, promoting Black protagonism and breaking with Eurocentric stereotypes. The initial analysis of *O Mundo, o Black Power de Tayo* evidences the work as an instrument for strengthening self-esteem and positive racial identity, using the beauty and ancestry of the Black Power hairstyle to celebrate Blackness. The study seeks to provide resources to support educators in the selection of materials that ensure compliance with the law and foster a more just, inclusive, and ethnically conscious educational environment in Brazil.

KEYWORDS: Afro-Brazilian Literature, Racial Literacy, Black Identity, Law 10.639/03, Anti-Racist Education.

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, ao longo da história, negligenciou frequentemente a representatividade negra, o que resultou na invisibilidade das crianças negras no contexto escolar. Entre os anos de 1530 e 1808, cerca de 4 milhões de africanos foram trazidos ao Brasil, trazendo consigo conhecimentos medicinais, religiosos, culturais e linguísticos, muitas vezes confrontados pelas ideias eurocêntricas impostas pelos colonizadores portugueses. Essa invisibilidade histórica reverbera no racismo estrutural que persiste na sociedade brasileira e no ambiente educacional.

Nesse contexto, a presente pesquisa busca responder ao seguinte problema: de que maneira a literatura afro-brasileira pode contribuir para a construção identitária de crianças negras nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e para a promoção da igualdade étnico-racial no espaço escolar? Além disso, procura compreender como a obra *O Mundo no Black Power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira, pode ser utilizada como prática pedagógica para o combate ao racismo e a valorização da diversidade cultural.

A relevância do estudo se justifica pela necessidade de promover a igualdade racial na educação e a valorizar a cultura afro-brasileira, em consonância com a Lei nº 10.639/03, que tornou o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira e africana. Embora essa legislação represente um marco, muitos professores ainda enfrentam dificuldades em selecionar obras representativas em sala de aula.

Pretende-se, nesse sentido, investigar o potencial da literatura afro-brasileira para fortalecer a autoestima, a identidade racial positiva e o enfrentamento ao racismo. Os resultados poderão contribuir para subsidiar educadores na escolha de obras, apoiar a formulação de políticas educacionais inclusivas e orientar autores na produção de narrativas que promovam a diversidade e a representatividade.

O objetivo geral deste estudo é analisar como a obra *O Mundo no Black Power de Tayó*, representativa da literatura afro-brasileira infantil, pode atuar como instrumento pedagógico de valorização da cultura negra e de combate ao racismo. De modo específico, busca-se: (i) estudar conceitos teóricos sobre o desenvolvimento identitário de crianças negras no Ensino Fundamental; (ii) examinar a importância do letramento racial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social; e (iii) discutir a eficiência da obra *O Mundo no Black Power de Tayó* como instrumentos de valorização cultural e de cumprimento da Lei nº 10.639/03.

Metodologicamente, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica de livros, artigos e documentos oficiais. A análise da obra escolhida será realizada à luz de referências que discutem identidade, letramento racial e literatura afro-brasileira, com vistas a evidenciar suas contribuições para práticas pedagógicas inclusivas.

2. DESENVOLVIMENTO IDENTITÁRIO DE CRIANÇAS NEGRAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

O desenvolvimento identitário de crianças negras no ensino fundamental não pode ser compreendido de forma isolada, mas em um contexto histórico, social e educacional marcado por desigualdades estruturais. A abolição formal da escravidão em 1888 não significou a integração plena da população negra à sociedade brasileira. Como apontam Nascimento (2010) e Ramos (2023), a ausência de políticas reparatórias e a permanência do racismo estrutural contribuíram para a marginalização social e econômica da população negra, realidade que ainda repercute no acesso à educação e na permanência escolar dessas crianças.

Assim, a escola se configura como um espaço central tanto de reprodução das desigualdades quanto de possibilidade de transformação social. Nesse processo compreender os conceitos de raça e identidade é fundamental. Segundo Munanga (2019), a raça não possui fundamento biológico, mas é uma construção social utilizada para hierarquizar grupos humanos. Essa concepção ajuda a entender como a escola, historicamente, reproduz relações de poder excludentes ao privilegiar narrativas eurocêntricas.

No Brasil, a formação de uma identidade coletiva é dificultada pelo mito da democracia racial e o discurso da miscigenação, que mascaram as desigualdades raciais. Tal contexto reforça a importância da escola como lugar de resignificação e pertencimento, onde as crianças possam reconhecer e valorizar sua herança cultural, rompendo com as representações negativas historicamente impostas.

A Lei nº 10.639/03 surge como um importante instrumento para transformar o ambiente escolar tornando-se obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas, a literatura afro-brasileira é uma ferramenta pedagógica necessária para o cumprimento e a valorização da cultura, oferecendo narrativas ricas e diversas que fogem das representações folclóricas contadas. Ela serve para explorar a imaginação e a ancestralidade da cultura negra de forma

acessível e engajadora.

Segundo a Lei N° 10.639/03:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira (BRASIL, 2003).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também reforça a importância da temática afro-brasileira ao recomendar o desenvolvimento de competências como a respeito da diversidade e da valorização das diferentes identidades e culturas.

A jornada de construção de identidade negra no Ensino Fundamental revela-se intrinsecamente ligadas às complexas teias do racismo estrutural e das desigualdades históricas que permeiam a sociedade brasileira. Nesse cenário, a escola, amparada pela legislação vigente, como a Lei n.º 10.639/03, e pelas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assume um papel de protagonista na promoção da igualdade racial e no desenvolvimento identitário de seus alunos.

Entretanto, a transformação desse espaço em um ambiente verdadeiramente inclusivo e antirracista depende, em grande medida, do engajamento e da atuação dos educadores. São eles que, no cotidiano da sala de aula, têm o poder de desconstruir estereótipos, valorizar práticas antirracistas, podendo contribuir significativamente para a construção de um futuro onde a igualdade racial seja uma realidade e não apenas uma aspiração cultura afro-brasileira, estimulando o pensamento crítico e promovendo o respeito à diversidade.

Nesse pensamento, Paulo Freire (1996), defende que a escola deve ser espaço de liberdade e não opressão. Freire (1996) afirma que o ato educativo precisa capacitar o aluno a realizar uma leitura crítica do mundo, estimulando a consciência e a transformação da realidade. Quando aplicado ao debate racial, ela desenvolve na criança uma consciência reflexiva, capaz de compreender sua própria realidade e intervir nela.

Dessa forma, o desenvolvimento identitário de crianças negras no ensino fundamental está diretamente vinculado ao compromisso da escola em reconhecer e valorizar a diversidade cultural, rompendo com práticas excludentes e promovendo representações positivas da negritude. A Lei n° 10.639/03 e a BNCC oferecem o respaldo legal para que esse processo seja incorporado ao currículo e a práticas pedagógicas, garantindo que a identidade negra seja respeitada e fortalecida desde os primeiros anos escolares.

Para que tais dispositivos não permaneçam apenas no plano normativo, é necessário que sejam efetivamente traduzidos em ações educativas críticas e transformadoras, é nesse ponto que o letramento racial e a educação antirracista se apresentam como estratégias indispensáveis, pois fornecem instrumentos teóricos e práticos para que a escola contribua ativamente na formação de sujeitos conscientes, fornecidos em sua identidade e preparados para enfrentar o racismo estrutural.

2.1. LETRAMENTO RACIAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O letramento racial constitui-se como eixo estruturante na compreensão crítica das relações raciais e no enfrentamento do racismo estrutural no contexto brasileiro, articulando-se as pedagogias críticas e à educação antirracista. Schucman (2014, p.25) define o conceito ao afirmar que “o letramento racial diz respeito à competência para receber, analisar e responder às estruturas raciais que perpassam a vida social”, destacando a necessidade de formação crítica desde a infância.

Essa perspectiva amplia o entendimento de raça para além de uma categoria individual ou biológica, colocando-a como elemento organizador das relações sociais, econômicas e culturais, alinhando-se às teorias críticas de raça e ao compromisso ético-político de transformação social.

Dentre os eixos teóricos que estruturam tal compreensão, destaca-se o letramento racial enquanto ferramenta privilegiada para possibilitar uma leitura crítica do mundo. Freire (1987, p. 11) afirma que “a leitura do mundo precede sempre a

leitura da palavra”, demonstrando que a educação precisa permitir ao educando compreender criticamente as relações de poder e de opressão para transformá-las.

Nessa direção, o letramento racial é entendido não apenas como um processo de aquisição de informações sobre raça e racismo, mas como uma prática emancipadora. Schucman (2014, p.27) reforça que “No Brasil, falar em letramento racial é falar de uma prática educativa que possibilite aos sujeitos negros e não negros reconhecerem as desigualdades raciais e construam estratégias para enfrentá-las”.

No campo da educação antirracista, Gomes (2017, p.43) aponta que as relações étnicas-raciais na escola exigem um compromisso contínuo, deixando de ser eventos isolados para se tornarem eixo central das práticas pedagógicas e do planejamento curricular, evidenciando que a escola deve ultrapassar abordagens superficiais sobre história e cultura afro brasileira.

Segundo a autora, o desafio não se limita à ampliação de conteúdo, mas envolve revisar criticamente as estruturas que produzem desigualdades e desnaturalizar os mecanismos de hegemonia racial (Gomes, 2017, p. 51). Esse movimento implica considerar a educação antirracista como um eixo transversal das práticas educativas, mobilizando estratégias de enfrentamento ao racismo institucional e fortalecendo a identidade e a autoestima das crianças negras.

A base conceitual que sustenta o letramento racial e a educação antirracista assenta-se na compreensão do racismo como um fenômeno de caráter estrutural e sistêmico. Munanga (2019, p.67) intensifica que “a raça é um conceito construído historicamente para legitimar a dominação e as hierarquias sociais”, sendo necessário desnaturalizar sua presença nas estruturas da sociedade.

A importância do letramento racial reside em sua capacidade de capacitar indivíduos. Ao aprender a identificar privilégios e desigualdades, desenvolvendo o pensamento crítico e habilidades necessárias para intervir e promover mudanças em contextos sociais variados. Nessa mesma linha, Freire (1987, p. 107) afirma, “ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho [...] e dar um passo mais além das soluções paliativas e enganosas”.

O Brasil revela um percurso de ampliação conceitual e metodológica. Schucman (2014, p.31) sublinha que “o letramento racial no Brasil emerge como resposta a um racismo que, apesar de historicamente negado, estruturada as relações sociais”, trazendo para o campo educacional brasileiro um vocabulário crítico que articula práticas pedagógicas e teorias críticas de raça. Esse avanço soma a consolidação de políticas públicas como a Lei nº 10.639/03, que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Gomes (2017, p. 60) completa que “a implementação efetiva dessa lei demanda formação continuada de professores, revisão curricular e comprometimento institucional com a educação antirracista”.

Do ponto de vista conceitual, o letramento racial pode ser definido como a competência para utilizar uma linguagem apropriada em diferentes contextos sociais, visando compreender, questionar e atuar sobre questões raciais e estruturas de poder subjacentes. Para Schucman (2014, p.29) letramento racial capacita indivíduos a enxergar e desconstruir o racismo. É a ferramenta para questionar privilégios e construir um futuro com relações mais justas e igualitárias.

As revisões de estudos empíricos demonstram que práticas pedagógicas de letramento racial tem o impacto direto no fortalecimento da identidade racial positiva de crianças negras e no enfrentamento do racismo institucional. Gomes (2017) destaca que “os resultados mais significativos de programas de educação antirracista estão associados à capacidade das escolas de promover espaços de diálogo, valorização identitária e problematização crítica das desigualdades raciais” (Gomes, p. 85).

Em sua obra, Abdias do Nascimento (2010, p. 122) critica a ideia de que o racismo brasileiro é velado, afirmando que ele é “escancarado” para qualquer um que observe a sociedade. Por isso ele destacava a importância de criar, desde a infância, uma consciência crítica através da educação. Dessa forma, a integração dos conceitos de letramento racial, educação antirracista e pedagogia crítica evidencia que a transformação da realidade educacional depende não apenas da inclusão de conteúdo, mas da construção de práticas reflexivas e continuadas que promovam a consciência crítica de estudantes e educadores.

Ao reconhecer o racismo como fenômeno estrutural, a escola assume um papel ativo na desconstrução de estereótipos, na valorização das identidades negras e na promoção da equidade, tornando um espaço de resistência e emancipação social. A consolidação dessas práticas contribui, portanto, para formar sujeitos capazes de questionar desigualdades, intervir criticamente nas relações sociais e participar da construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática.

2.2. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

A literatura afro-brasileira emerge como uma das expressões mais significativas da resistência cultural e da afirmação identitária no Brasil. Escrita por autores negros ou voltada à valorização da experiência afro-brasileira, ela rompe com o cânone literário eurocêntrico e amplia o repertório simbólico disponível aos leitores.

Um dos principais locais onde a literatura afro-brasileira pode ser trabalhada para a construção de uma sociedade mais justa é a escola.

É papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias (Brasil, 2004, p. 7).

Com a Lei nº 10.623/2003, as escolas passaram a ser obrigadas a incluir a temática afro-brasileira no currículo, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa. Foi neste contexto que algumas obras literárias já existentes ganharam maior visibilidade e reconhecimento.

Uma das obras mais trabalhadas nas escolas é *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado. A narrativa conta a história de uma menina muito bonita que tem olhos pretos como jabuticaba e cabelos trançados. Um coelho branco, curioso sobre a cor da pele da menina, tenta descobrir o motivo de ela ser “tão pretinha”. A menina, divertida, inventa explicações fantasiosas até que a mãe esclarece que a cor da filha é herança da avó, enfatizando a ancestralidade como parte da identidade.

Esse livro, portanto, aborda não apenas as características físicas das crianças negras, mas também a valorização de sua origem, fazendo com que compreendam que suas características são herdadas de seus pais e avós e devem ser motivo de orgulho.

Como prática pedagógica, a literatura afro-brasileira estimula a leitura de uma forma crítica, além promover uma maior valorização da diversidade cultural brasileira, trazendo para a literatura infantil o protagonismo preto. Além disso, embora esteja majoritariamente associada à Língua Portuguesa, pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, articulando-se com as áreas de História, Artes e Sociologia. Ao permitir que os alunos tenham contato com histórias que rompem com o silenciamento das populações negras, a literatura afro-brasileira amplia o repertório cultural, forma leitores críticos e fortalece o respeito à diversidade.

Dessa forma, a literatura afro-brasileira não apenas amplia o repertório cultural dos alunos, mas também contribui para a construção de uma consciência crítica e solidária, promovendo o respeito à diversidade e fortalecendo a luta por igualdade e justiça social desde o ambiente escolar.

A partir dessa inclusão, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam que:

Em um país culturalmente plural como o Brasil, é pernicioso trabalhar em sala de aula com uma visão que exclui grande parte da população brasileira das representações que a criança costuma ter no discurso pedagógico (o que inclui também representações em material didático): branco, católico, morador do “sul-maravilha”, classe média, falante de variedades hegemônicas, etc. (Brasil, 1998a, p.48).

Essa crítica ressoa com a análise de Gomes (2014), que destaca como a escola reforça “padrões eurocêntricos, relegando a cultura e a história africana afro-brasileira um plano, quando não as inviabiliza por completo” (p. 67).

A ausência de representação positiva e a perpetuação de estereótipos distorcidos de personagens negros no currículo tradicional criam um ciclo de invisibilidade e desvalorização. A literatura afro-brasileira, ao fornecer narrativas, personagens e perspectivas que refletem a experiência de estudante negros, atua como um “espelho para a sua identidade e uma janela para a compreensão da diversidade cultural brasileira” (Gomes, 2014, p. 67). Essa abordagem contribui para a desconstrução de preconceitos e para a formação de uma visão de mundo mais ampla e humanizada.

Historicamente, a literatura brasileira oficial e o cânone acadêmico invisibilizaram a produção literária de autores negros, ou a reduziram a uma mera curiosidade marginal. Essa invisibilidade, no entanto, foi confrontada por movimentos sociais e intelectuais que reivindicaram a importância da cultura e da história afro-brasileira, a inserção dessa temática no currículo escolar ganhou amparo legal, embora sua implementação ainda enfrente desafios.

A evolução da crítica literária também foi crucial, pois a visão tradicional, muitas vezes restrita à estética e a forma, não conseguia captar a profundidade e a relevância social de obras de autores como Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus. A crítica contemporânea, influenciada por estudos culturais e pós-coloniais, passou a valorizar a literatura como um campo de luta e resistência. Autores como Conceição Evaristo e Cuti trouxeram novas vozes e perspectivas, abordando diretamente temas como racismo, identidade, negritude e resistência, e consolidando a literatura afro-brasileira como um campo de estudo e de atuação pedagógica de grande relevância.

A literatura afro-brasileira pode ser conceituada como o conjunto de obras produzidas por autores, que abordam, direta ou indiretamente, a experiência, a história, a cultura e a resistência do povo negro no Brasil. Diferentemente de uma simples categoria temática, ela se constitui como um campo de saber que questiona o cânone literário tradicional e propõe novas formas de ver e entender o mundo.

A inserção dessa literatura na escola exige uma prática pedagógica intencional e reflexiva. Silva (2002, p. 45) afirma que "a inserção da temática racial no currículo não deve ser pontual, mas sim transversal e continua perpassando todas as áreas do conhecimento". Essa abordagem transversal permite que as obras de autores como Carolina Maria de Jesus sejam exploradas não apenas em aulas de língua portuguesa, mas também em geografia, história, artes e sociologia, demonstrando sua aplicabilidade e pertinência em diversas áreas do saber.

Para integrar a literatura afro-brasileira de forma significativa em sala de aula, Ferreira (2006) aborda algumas estratégias pedagógicas que trabalham em prol da teoria crítica racial e da educação antirracista, criando rodas de leitura e diálogo que permitam debates abertos sobre os temas e as obras estudadas, estimulando também a criação de textos criativos como contos, poemas, diários ou peças teatrais, enriquecendo o aprendizado e aproximando os alunos da realidade e da produção cultural afro-brasileira.

Portanto, é fundamental que o professor atue como mediador, criando um ambiente de respeito e segurança para que todos os estudantes se sintam à vontade para expressar suas ideias e sentimentos. A sensibilidade do educador em abordar temas delicados, como o racismo, é crucial para o sucesso dessas práticas.

Ferreira (2006) afirma que:

O importante é observar o que ocorre nas interações aluno-aluno e professor-aluno em sala de aula, pois é nesse momento que muitas situações indesejadas podem ocorrer (como, por exemplo, estereótipos, piadinhas) por parte dos alunos, e em tantas outras que podem mostrar atitudes de racismo. Por causa dessas situações, é importante que o professor esteja preparado teoricamente para trabalhar com a temática (Ferreira, 2006, p.57).

A utilização da literatura como instrumento de letramento e formação leitora é defendida por Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1991), em *O Livro Didático de Língua Portuguesa*, as autoras defendem a importância da diversidade na formação do leitor. Embora não tratem diretamente da literatura afro-brasileira, suas reflexões sobre a necessidade de um material didático que representa a pluralidade cultural e social do país endossam a crítica aos currículos eurocêntricos e a defesa de uma educação mais inclusiva.

Zilberman e Lajolo argumentam que a familiaridade com diferentes gêneros, autores e temas é fundamental para a formação de um leitor crítico e autônomo. Por tanto, ao trazer a literatura afro-brasileira com novas vozes e realidades, expande o universo simbólico dos estudantes e contribui diretamente para essa formação.

No que tange às práticas pedagógicas, Ferreira (2006) propõe estratégias que trabalham em prol da teoria crítica racial e da educação antirracista. Ela sugere a criação de rodas de leitura e de diálogo, além da estimulação da produção de textos criativos pelos alunos, como contos, poemas e peças teatrais. A autora destaca a importância do papel do professor como mediador, pois é nesse momento que muitas situações indesejadas podem ocorrer (como, por exemplo, estereótipos, piadinhas) por parte dos alunos, e em tantas outras que podem mostrar atitudes de racismo. Por causa dessas situações, é importante que o professor esteja preparado teoricamente para trabalhar com a temática" (Ferreira, 2006, p. 57). Essa preparação teórica e a sensibilidade do educador são cruciais para o sucesso da prática pedagógica, garantindo um ambiente de respeito e segurança.

Conforme Munanga (1999), "a educação é um dos pilares para a desconstrução do racismo e para a valorização da diversidade, e a literatura afro-brasileira oferece um caminho privilegiado para essa construção" (p. 112). A utilização da literatura afro-brasileira como prática pedagógica não se restringe a um mero complemento curricular, ela é um ato político e educacional que celebra a

pluralidade, empodera vozes historicamente silenciadas e contribui para a edificação de uma sociedade mais justa e consciente de sua diversidade.

3 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM PRÁTICA: ANÁLISE DA OBRA O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ

O livro *O mundo no Black Power de Tayó*, escrito pela autora Kiusam de Oliveira e ilustrado por Taisa Borges, foi lançado em primeiro de janeiro de 2013. Kiusam de Oliveira é Pedagoga, Doutora em Educação, Terapeuta Integrativa e Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Ela venceu o Prêmio ProAC Cultura Negra 2012 justamente por *O mundo no Black Power de Tayó*, que é também considerado um dos dez livros mais importantes do mundo na categoria de Direitos Humanos pela ONU.

O livro apresenta a história de Tayó, uma menina de seis anos dona de uma beleza encantadora e de uma alegria contagiante. Suas características físicas são comparadas com coisas extremamente belas da natureza, e seus olhos com as estrelas mais brilhantes do céu.

“Seus olhos são negros, tão negros como as mais escuras e belas noites que do alto miram com ternura qualquer ser vivo. Do fundo desses olhos escuros saem faíscas de um brilho que só as estrelas são capazes de emitir.” (p.11)

No entanto, não apenas seus olhos são comparados com belezas naturais, mas também seu nariz ao ser comparado com pepitas de ouro e seus lábios grossos com um orobô (fruto grosso de aparência semelhante a uma noz pecan, originário da África utilizado em religiões de matriz africana como amuleto de boas coisas), agregando valor à outras características do fenótipo preto que corriqueiramente são alvos de piadas e comentários maldosos. Criando, dessa forma, sentimentos de auto aceitação e orgulho próprio.

“Seu nariz parece mais uma larga e valiosa pepita de ouro. Grossos e escuros como o orobô, seus lábios encantam, só se movendo para dizer palavras de amor”. (p.12/14)

Na história, o cabelo é a parte do corpo da qual Tayó mais se sentia orgulhosa e andava por toda a parte com seu belo penteado, tendo a cada dia uma decoração diferente em seu cabelo, hora com flores, hora com fitinhas coloridas e até mesmo com borboletinhas. O penteado Black de Tayó é tão grande quanto sua imaginação e amor pela natureza.

“O Black Power de Tayó é enorme, do tamanho de sua imaginação. Ela ama tanto os bichos, a natureza, os alimentos, as pessoas e os planetas que, por vezes, projeta todo esse universo em seu penteado”. (p. 24)

O livro apresenta uma parte da narrativa onde os colegas de sala da menina dizem que o cabelo da mesma é ruim, ao que ela responde dizendo que ele é bom e ótimo, visto que ele é macio, lindo e cheiroso. No entanto, Tayó também fica pensativa sobre os comentários de seus colegas, e no final da reflexão projeta em seu penteado a história de todos os africanos e africanas trazidos à força para o Brasil mesmo sem perceber que fazia isso a cada vez que arrumava seus cabelos.

“Quando retorna para casa pensativa com toda a falta de gentileza de seus colegas, Tayó projeta em seu penteado, mesmo sem se dar conta disso, todas as memórias do sequestro dos africanos e das africanas, sua vinda a força para o Brasil nos navios negreiros, os grilhões e correntes que aprisionavam seus corpos. Tudo isso está bem guardadinho lá no fundo da sua alma”. (p.28)

Segundo a autora, a principal ideia do livro é a de que as meninas que preservam seus cabelos crespos são princesas que guardam suas belezas ancestrais, a autora também relata que teve tal ideia de narrativa baseando-se em sua própria história e também na de suas alunas negras que sofrem por características físicas, principalmente o cabelo. Esse desejo da autora de apoiar estas meninas, fortalecer sua autoestima e felicidade, está explícito na última página do livro com a seguinte frase de Oswald Faustino:

“Tayó é uma princesinha que chega em forma de espelho que outras princesinhas se mirem, se reconheçam e cresçam, cumprindo a única

O livro é todo ilustrado com estampas afro e com cores vibrantes, manifestando alegria, fazendo jus ao nome do personagem principal Tayó, que significa em iorubá "da alegria".

O livro *O mundo no Balck Power de Tayó*, além de trazer uma personagem preta como principal protagonista, também coloca ela como consciente de sua beleza, valorizando os traços negros em seu rosto, seu tom de pele e cabelo. Sendo assim um bom aliado na luta pelo letramento racial, uma vez que trabalha as características negras, os relacionamentos interpessoais (às vezes o bullying) a auto aceitação e autoestima.

No ambiente escolar, o livro pode ser utilizado como uma ferramenta pedagógica por meio da leitura, despertando a curiosidade das crianças em "porque o cabelo da minha amiguinha é diferente do meu?", em consonância com atividades que levistem questionamentos projetos que envolvam a comunidade escolar também podem ser utilizados, uma vez que a professora pode enviar aos pais "formulários" perguntando um pouco sobre a história das famílias. Isto para trabalhar a ancestralidade das mesmas e qual é a importância dela em que somos física, cultural e socialmente.

Além do livro citado que pode ser encontrado no site "FLIPHTML5", existe também o endereço digital "PNLD" que pode ser acessado com a conta gov.br e um cadastro que pode ser realizado com o uso de e-mail e cpf para professores, alunos maiores de 12 anos e crianças cadastradas pelos pais. O PNLD é um programa criado pelo MEC, oferecendo aos professores e alunos de escolas públicas livros didáticos, pedagógicos e dicionários. Neste programa, existem diversos livros que se enquadram na literatura Afro Brasileira, entre eles estão: "O mundo no Black Power de Tayó", "Bruna e a Galinha d'Angola"- livro que conta a história de uma menina que se sentia muito sozinha, até que sua avó vinda da África conta para ela a história de Ósún, que era uma criança que fez uma galinha a qual chamou "seu povo", e assim surgiu Conquém, a galinha d'Angola, Bruna criou fascinação por galinhas, até que sua avó, notando o fascínio da neta, dá de presente pra ela uma galinha que ciscava e gritava "Conquém!", assim como o livro "O tabuleiro da baiana" trazendo para a imaginação das crianças o encanto de algo extremamente brasileiro, as vendedoras de quitutes, que ficaram conhecidas em todo o país como "baianas", registrando em sua memória cultural, as roupas, o tabuleiro e as comidas da Bahia. Além destes existem outros vários como "O céu de Baobá", "A neta de Anita" e "Histórias da Preta".

Trabalhar a Literatura Afro desde a mais tenra infância é extremamente importante porque a atual realidade social está fortemente pautada na luta preta. Conforme disse Conceição Evaristo, "A nossa sobrevivência não pode ser lida como histórias de dor, mas como histórias de sobrevivência", desde "Tia Nastácia" em Sítio do Pica Pau Amarelo, até Betha em "Betha a bailarina pretinha" ou "Mandela: o Africano de todas as cores", livros que contam desde histórias ficcionais, como é o caso de "Sítio do Pica Pau Amarelo", até biografias e autobiografias ilustradas, como é o caso de "Betha a bailarina pretinha", livro que conta a história de Bethania Nascimento, primeira brasileira negra a estar no posto mais alto de uma companhia internacional de balé, mesmo quando não havia ninguém como ela nas revistas ou dançando na televisão, e que mesmo assim chegou a dançar na companhia Harlen, uma das mais renomadas do ramo da dança, ou de Nelson Mandela, vencedor do Nobel da Paz, primeiro presidente negro da África do Sul e símbolo da união das raças, lutando fortemente pelo fim do Apartheid, movimento segregacionista na África do Sul que durou de 1948 a 1994 que buscava divisão legal das raças, Nelson se tornou um exemplo de liderança, liberdade e paz.

Ressalta-se, assim, a importância de trabalhar com as crianças histórias onde os personagens negros ocupam todos os locais laborais, isso porque eles podem e têm capacidade, assim como as crianças que leem e/ou escutam estas histórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender a Literatura Afro e Afro-Brasileira como uma ferramenta pedagógica fundamental na promoção do letramento racial, na formação identitária positiva de crianças negras e na consolidação para a formação de uma educação antirracista. Ao analisar a obra *O Mundo no Black Power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira, observou-se como a literatura pode se tornar um instrumento de resistência, valorização cultural e empoderamento, especialmente no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A pesquisa evidenciou que a efetivação da Lei nº 10.639/03 ultrapassa a mera inclusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. Ela exige o desenvolvimento de práticas pedagógicas intencionais, críticas e continuadas, capazes de promover o reconhecimento da diversidade e de combater o racismo estrutural ainda presente nas instituições de ensino. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira, ao oferecer representações positivas e plurais da população negra, compreende como espaço de construção de sentidos, fortalecimento da autoestima e ampliação das possibilidades de leitura do mundo.

Autores como Schucman (2014) e Gomes (2017) reforçam que o letramento racial e a educação antirracista devem ser eixos estruturantes das práticas pedagógicas, isso envolve reconhecer que o enfrentamento ao racismo não se limita a ações pontuais, mas demanda uma formação docente crítica e comprometida com a transformação social. Nessa compreensão, o trabalho com obras literárias como a de Kiusam de Oliveira concretiza a pedagogia Freiriana, que propõe a educação como prática de liberdade e conscientização. A leitura literária, quando mediada com intencionalidade e sensibilidade, torna-se um espaço de diálogo, escuta e reconstrução identitária.

Além da dimensão individual, o estudo reafirma o papel social da escola enquanto instituição que contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e plural. A literatura afro-brasileira, ao romper com o cânone eurocêntrico e dar visibilidade a vozes historicamente silenciadas, favorece a construção de uma educação democrática, capaz de reconhecer e valorizar todas as identidades que compõem o tecido social brasileiro. Como aponta Munanga (2019), compreender a raça como uma construção social é condição indispensável para desconstruir as hierarquias e naturalizações que sustentam as desigualdades raciais.

Dessa forma, o trabalho confirma a relevância social e pedagógica de inserir a literatura afro-brasileira como prática regular e transversal no currículo escolar. Ela contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua história e identidade, e comprometidos com a equidade racial. Ao promover o diálogo entre letramento racial, educação antirracista e literatura, o estudo reforça a necessidade de uma escola que ensine a ler o mundo de maneira plural, solidária e transformadora — uma escola que, como sonhou Paulo Freire (1987), forme cidadãos capazes de transformar a realidade e construir uma sociedade mais humana, justa e inclusiva.

□

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gercilga d'. *Bruna e a galinha D'angola*. 1 ed. Editora Pallas 2009.
- BRASIL. *Lei Federal nº10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Ensino sobre História e cultura Afro-Brasileira: MEC, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Área de linguagens e códigos e suas tecnologias. O conhecimento em língua estrangeira moderna. Brasília: MEC/SEF, 1988^a.
- EVARISTO, C. (2007), citado em UFRPE UAST
- FERREIRA, Patrícia do Carmo. *Literatura Afro-Brasileira em Sala de Aula: Práticas Pedagógicas e Formação de Professores*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. *Movimento negro e educação: um campo de luta e de*

construção de conhecimento. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: uma perspectiva político-cultural da identidade negra e suas múltiplas faces*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NASCIMENTO, A. do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NASCIMENTO, Bethania. *Betha a bailarina Pretinha*. 1 ed. Editora Jandaíra 2021

OLIVEIRA, Kiusam de. *O mundo no Black Power de Tayó*. 1 ed. Editora Peirópolis, 2013.

REZENDE RAMOS, Vanessa Martins de. *Racismo em pauta*. Brasília: E-BOOK RACISMO EM PAUTA. 2022-2023

ROSA, Sonia. *O tabuleiro da Baiana*. 1 ed. Editora Pallas, 2006.

SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*. São Paulo: Annablume, 2014.

SERRES, Allan. *Mandela: O africano de todas as cores*. 2 ed. Editora Pequena Zahar 2013

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *A Construção da Identidade Negra na Escola*. In: CAVALLEIRO, Eliane Santos (Org.). *Educação e Diversidade: o diálogo necessário*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *O Livro Didático de Língua Portuguesa*. In: LAJOLO, Marisa. *O Livro no Brasil: uma história, uma leitura*. São Paulo: Ática, 1991.